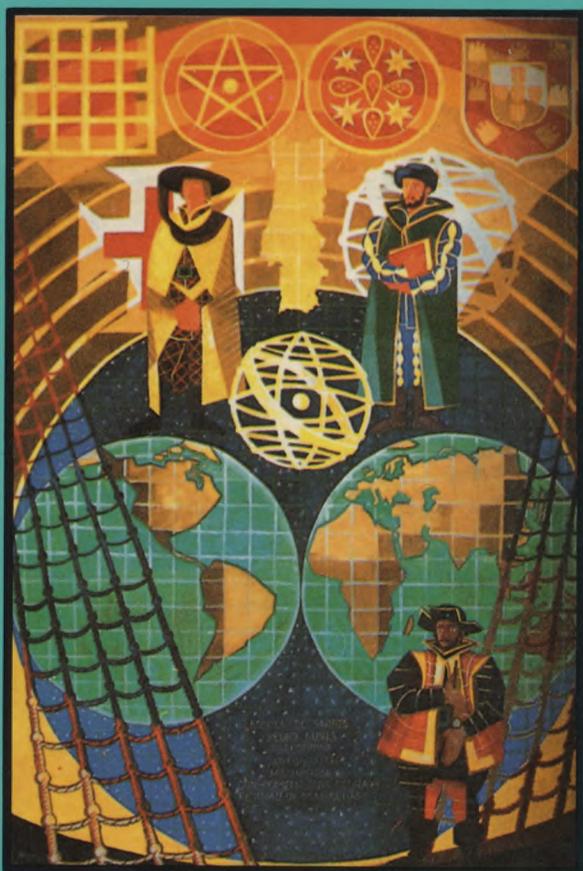


REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 14

DESCOBRIMENTOS, EXPANSÃO E IDENTIDADE NACIONAL



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1992

A "CINZA VÃ DA VIDA MORTA": INDÍCIOS DE EXOTISMO NA POESIA DE ANTÓNIO PATRÍCIO

Nota de Leitura

O Saudosismo impregnou a atmosfera mental das duas primeiras décadas do século XX em Portugal. O culto do exotismo permeou aquele movimento. Traços deste exotismo evidenciados de saudosismo notam-se nalguns poemas de António Patrício, de um requinte precioso, finamente cinzelados.

António Patrício nasceu no Porto em 1878. Frequentou a Escola Naval, que abandonou para se consagrar a estudos de medicina na sua cidade natal. Após a proclamação da República foi cônsul de Portugal na Corunha. Exerceu acção eficaz contra as incursões de Paiva Couceiro: impediu o embarque de armas destinadas aos insurrectos monárquicos da Galiza. Permaneceu sempre fiel à sua opção republicana, apesar do seu pendor aristocrático, voluptuoso e auto-afirmativo. Durante a I Guerra Mundial, Patrício esteve retido na Alemanha. Seguiu depois para a Venezuela. Após a extinção da legação de Caracas, partiu para Londres, a fim de auxiliar o embaixador Norton de Matos numa missão especial. Foi depois cônsul em Cantão, Manaus, Bremen, Atenas e Constantinopla. Em 1930 Patrício foi nomeado ministro em Pequim. Para ali partiu, já doente, tendo falecido durante a sua estada em Macau. Assim se encerrava uma carreira diplomática iniciada em 1911 sob os conselhos do seu amigo Guerra Junqueiro.

Entre as primeiras obras de Patrício contam-se *Oceano* (1905) e *O Fim* (1909), história dramática em que previa a queda da Monarquia. O escritor colaborou ainda em revistas como a *Águia* e a *Atlântida*, *

* University of Foreign Studies, Kioto (Japão).

dedicadas ao nacionalismo saudosista e à aproximação de Portugal e do Brasil. Uma colectânea de contos, *Serão Inquieto* (1910), manifesta o seu decadentismo literário, o seu culto da morte e da saudade. A colectânea inclui uma narrativa, seleccionada por Guilherme de Castilho para *Os Melhores Contos Portugueses*: "Suze". Este conto manifesta uma intuição mediúcnica da morte. Seguiram-se as obras-primas do autor: *Pedro o Crú* (1918), *Dinis e Isabel* (1919), *D. João e a Máscara* (1924). Eram três poemas dramáticos de extraordinário poder poético e de excruciante tensão trágica. Esses poemas dramáticos manifestam um misticismo panteísta, uma convergência de Simbolismo e de Saudosismo na fronteira da Morte, numa reacção contra a estética do Naturalismo 0).

António Patrício conhecia bem alguns dos corifeus oitocentistas finisseculares. Em *Serão Inquieto* cita com frequência D'Annunzio, Nietzsche e Dostoievsky.

Em 1940 saiu uma colectânea, *Poesias*, cuja feição simbolista se revela numa série de imagens impressionistas. A musicalidade dos versos imbuí as evocações das miragens do sonho, do mar e da morte.

Num poema dedicado a um futuro suicida, Manuel Laranjeira, "A Dor", invoca-se o Mar, símbolo supremo da intensidade vital:

E vós, ó olhos verdes, ó vitrais
da catedral do mar!
fechai-vos para sempre, ó olhos irreais
cegos de tanto amar... (2).

O culto do exotismo funéreo manifesta-se num poema que ressuma o apelo da morte e do amor: "O poema de Eyub".

Patrício evoca a "cidadezinha cemitério":

O "Patrício, António", *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, XX, p. 628; Urbano Tavares Rodrigues, "Patrício, António", *Dicionário de Literatura*, ID, pp. 802-803. Este *Dicionário* foi dirigido por Joel Serrão; João de Barros, "Tragédia e Glória de António Patrício", in *Pátria Esquecida*, Lisboa, 1935; M. Tânger Correia, *António Patrício, poeta trágico*, Separata da revista *Ocidente*, vols. LVII, LVIII e LIX, Lisboa, 1959-1960. Há ainda estudos sobre o teatro de António Patrício, de Luís Francisco Rebelo.

(2) António Patrício, *Poesia Completa*, Lisboa, 1960, p. 53.

Corríamos Eyub em todos os sentidos:
ruas de mausoléus arrendados de acacias,
— fumávamos ao sol, nos mármore partidos —;
havia um ar de além narcotizando tudo:
os vivos que passavam como mortos,
o Corno de Ouro, ao longe, esfumado e de vidro.
No cimo da colina,
era a velada imensa dos ciprestes.
Voltávamos, então, a fitar Estambul,
reconhecendo cada domo, os minaretes (3).

E o poeta nomeava os minaretes de Eyub e de Constantinopla, de Sulimanié e de Santa Sofia. Noutro poema, "Em Prinkipo" revive um "outono de cristal", um acorde de asas junto ao Mar Negro (4). Os loureiros junto ao Mar Egeu abrigavam volúpias helénicas:

A noite veio enfim: estendidos na areia
Pusemo-nos então a entristecer, calados.
Como dois mármore: um tritão e uma sereia
que o golfo adormecia em soluços velados (5).

Do Mediterrâneo luminoso, da Turquia, da Grécia e da Espanha — evocada "Em Granada" — Patrício passou às nebulosas paragens escandinavas, mais adequadas aos vagos sonhos do Simbolismo, com um poema, "Em Homebék, na Dinamarca":

Minha alma, doida de mar e Outono,
em Homebék se foi deitar
entre gaivotas e folhas secas,
a sonhar alto, para sonhar...

Tem nos cabelos algas e algas
que o vento brusco vem levantar...
Em Hornebék, na Dinamarca,
onde vão folhas por sobre o mar (6).

(3) *Ibidem*, p. 115.

(4) *Ibidem*, p. 115

(5) "Uma manhã, no Golfo de Corinto", *Ibidem*, p. 120.

(6) *Ibidem*, p. 123.

As crueldades da guerra são recordadas: em "As Mãos Cortadas", Patrício lembra uma criança vista em 16 de Novembro de 1915, a que os soldados tinham cortado as mãos.

Depois de recordar algures um seu músico venerado, Wagner, Patrício assinala a presença da Morte, num palácio trágico, onde perpassava a figura de Henrique VIII e das suas mulheres decapitadas:

No parque, em Hampton Court,
havia um perfume de morte
ressumando dos canais... (7)

Dos poemas de António Patrício evola-se sobretudo o aroma de morte e de decadência dos anos finais do Império Otomano. Reinava então o sombrio Abdul Hamid. A evocação do pitoresco corrupto e mórbido do Império irmana Patrício com outro contemporâneo, hoje esquecido, Pierre Loti, o autor de *Desenchantées*. Aliás, na sua fascinação pelo moribundo Império Otomano, Patrício não estava isolado em Portugal. O seu percurso é idêntico ao do seu amigo Manuel Teixeira Gomes, que tinha em seu poder livros ilustrados sobre Constantinopla e percorrera idênticas paragens. Tal como Patrício, Teixeira Gomes admirava Constantinopla. Tal como outro contemporâneo, Blasco Ibañez (em *Oriente*) Teixeira Gomes recordou os cerimoniais asiáticos de um povo que ambos admiravam: "Em dia de *Selamlık*, nessa confusa, única e nunca descrita Constantinopla — armada, no coração do mundo, com as mil lanças dos seus minaretes" (8).

A antiga Constantinopla, hoje Istambul, a minha cidade favorita, merece bem os cânticos de Teixeira Gomes e de António Patrício. Lendo Patrício, recordo as perspectivas e sons da cidade antiquíssima: as pombas e os minaretes na contra-luz do sol poente, quando a esfera vermelha desce no horizonte, os navios passando sob os arcos das duas pontes suspensas sobre o Bósforo. Evoco ainda os restaurantes de peixe ao longo do Bósforo, os passeios de barco em frente dos *yalıs* de madeira, os antigos *chalets* de verão otomanos, seguindo até à fortaleza de Rumeli onde Maomé o Conquistador destruiu a linha económica vital do Império Bizantino, as estreitas

(7) *Ibidem*, p. 161.

(8) Manuel Teixeira Gomes, *Inventário de Junho*, Lisboa, Portugalíia Editora, 4- edição, 1958, pp. 10-11.

ruas empedradas, as casas de madeira das ilhas dos Príncipes, no Mar de Mármara, as áreas degradadas do século XIX em Beyoglu e Pera, a mesquita de Suleymaniye, a torre de Galata, donde se avista um imenso panorama, o palácio de Dolmabahce, a última residência do fundador da Turquia moderna, Mustafá Kemal Atatürk.

É no promontório situado entre o Mar de Mármara e o Corno de Ouro que se encontra a maior parte dos grandes monumentos de Constantinopla mencionados por Antonio Patrício. O complexo da mesquita de Eyüp, em memória do santo porta-estandarte do profeta Maomé, morto em combate em 669, continua a ser objecto de intensíssima devoção, circundado por cemitérios. A mesquita de Eyüp, de um branco imaculado, é o mais sagrado santuário de Istambul, após os de Meca e de Jerusalém. No tempo de Pierre Loti e de Antonio Patrício, o local era considerado extremamente romântico, pitoresco e misterioso, próprio para paixões vulcânicas com odaliscas voluptuosas. Hoje, rodeado de subúrbios industrializados, é um local consagrado à morte e à religião do profeta de Yatreb.

Outro monumento evocado por Patrício, a mesquita de Süleymaniye, é a mais magnífica das construídas durante a era do Império Otomano. Construída pelo famoso arquitecto Sinan, consagrada a Soleimão o Magnífico, durante séculos tem despertado o entusiasmo de todos os viajantes estrangeiros. Do terraço avista-se uma perspectiva do Corno de Ouro e dos montes da Ásia Menor, à distância. A construção foi concluída por Selim II e Murat II. Recamada de azulejos e mosaicos resplandcentes, a mesquita é digna do sultão que a mandou construir. A mesquita fica perto da Universidade de Istambul, de Santa Sofia, do Topcapi Sarayi, da coluna de Constantino, do Hipódromo e da Mesquita Azul. A mesquita é ainda notável pela sua prodigiosa colecção de carpetes e vitrais.

É bem mais conhecida Aya Sofya, obra de Justiniano, depois modificada pelos sultões Bayazid II e Selim II. Impressionantes os mosaicos dourados e os mármore preciosos.

A Prinkipo de António Patrício designa-se hoje, em turco, Büyükada. É a maior e mais populosa das ilhas do Mar de Mármara. Há lá ainda ruínas de mosteiros bizantinos e venezianos e grutas abrigadas junto ao mar. Há ainda belas mansões antigas. Na ilha residiram Léon Trotsky e o Núncio Papal Giuseppe Roncali, depois XXIII. Mas pouco resta do convento fundado pela Imperatriz Irene.

A antiga Constantinopla é hoje muito mais asiática do que no tempo de António Patrício. É menos cosmopolita: as embaixadas foram transferidas para Ankara. Os gregos e os arménios foram

expulsos ou massacrados. Vêem-se muito menos judeus do que no tempo de Patrício. O que se vê mais são camponeses da Anatólia que chegam diariamente a Istambul em busca de trabalho.

Para concluir, recorde-se que nem todos os intelectuais portugueses admiravam o Império Otomano. Nas colunas d'0 *Distrito de Évora*, o jovem Eça de Queirós verberou os bárbaros, que segundo ele, estavam acampando nos Balcãs, que dominavam com crueldade e opressão. Preconizava a expulsão dos turcos da Europa Oriental. Já no século XX, Ferreira de Castro, n' *A Volta ao Mundo*, abominou o Império Otomano e celebrou a obra de Mustafá Kemal. E o próprio Teixeira Gomes, numa novela, "?", recordou a lúgubre atmosfera de Smyrna, onde os cristãos viviam apavorados, receando um massacre (9). E o massacre viria, já no tempo de Mustafá Kemal. Smyrna, purificada de infiéis, tomar-se-ia uma cidade exclusivamente povoada por turcos, a santa Izmir.

Apesar disso, a fascinação da ferocidade e do pitoresco álaque do extinto Império ainda perdurava. Em cartas inéditas de Março de 1927, o moribundo Venceslau de Moraes lamentava, desesperado, nunca ter podido ver Constantinopla.

O Manuel Teixeira Gomes, "?", in *Novelas Eróticas*, Lisboa, Portugália Editora, 1961. O livro é formado por uma colectânea de seis novelas. A primeira edição, de 1934, tivera problemas com a Censura. Tangia, pela audácia dos temas, com a pudicícia dominante, eivada de um poder melindroso, bastante virginal.